
CAPÍTULO 3

CONTANDO, LENDO E (RE) ESCREVENDO LENDAS URBANAS NO 7º ANO

*Valdison Ribeiro da Silva
Maria da Penha Casado Alves*

INTRODUÇÃO

É fundamental o trabalho em sala de aula com a leitura e a escrita, propiciando aos estudantes uma diversidade de gêneros discursivos, uma vez que é por meio da linguagem que o homem se constitui como tal e, nesse sentido, trabalhar com os gêneros discursivos pressupõe fornecer ferramentas que ampliem as capacidades de o estudante enxergar o mundo a sua volta, levando-o à reflexão e à responsividade frente ao que se apresenta por meio dos diversos textos com os quais interage no mundo da vida.

Isso posto, o ensino de língua portuguesa tem como uma de suas finalidades fazer com que os estudantes desenvolvam e ampliem seus saberes concernentes à leitura e à escrita de textos, nas mais diversas modalidades, para que possam usá-las de maneira adequada nas diversas situações do convívio social em que se encontrem e interajam junto à sociedade de forma crítica.

Por isso, levando em consideração que as histórias de terror sempre estão presentes na sociedade humana, servindo como fonte de preservação cultural e como forma de suscitar o imaginário dos indivíduos, permitindo-lhes adentrar o mundo fictício, a lenda urbana, em particular, apresenta uma função, haja vista

que permite a salvaguarda da memória dos povos e a valorização, além do registro escrito, sobretudo na modalidade oral da língua.

A lenda urbana se insere no rol dos gêneros voltados ao ambiente fantasmagórico e apresenta uma dupla configuração (fictícia/real), que lhe permite passar o imaginário e transitar no mundo real, uma vez que sua origem, quase sempre, está baseada em um acontecimento de cunho verdadeiro.

Para tanto, fundamentados nos pressupostos teóricos de Bakhtin (2011), os quais concebem um sujeito ativo e responsivo, atuante em seu meio social por meio da linguagem e, baseados, ainda, em sua discussão sobre enunciado concreto, propomo-nos a desenvolver este trabalho fundamentados na concepção dialógica da linguagem, que implica um sujeito socialmente constituído e que lida/produz enunciados concretos nas diferentes situações de interação. Nessa direção, propomo-nos a um trabalho com protótipos didáticos, dos quais trata Rojo (2012), realizado por meio de oficinas de leitura e de escrita com o gênero Lenda Urbana. Esse trabalho teve como objetivo promover a ampliação dos saberes linguísticos/discursivos de estudantes de um 7º ano de uma escola de rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Norte.

Para tanto, tivemos como pergunta norteadora da pesquisa: Como sistematizar uma proposta didática para o trabalho com lenda urbana no ensino fundamental a fim de ampliar os saberes dos estudantes de um 7º ano de uma escola de rede pública de ensino? Para dar conta dessa questão, assumimos como objetivo organizar atividades teórico-metodológicas que aproximassem os discentes de sua realidade, enfatizando a necessidade do aprimoramento das habilidades linguístico-discursivas a partir de uma abordagem do gênero discursivo lenda urbana. Sobre a fundamentação teórica deste trabalho, dedicaremos a próxima seção.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

[...] no nosso caso os olhos e as mãos estão em uma situação difícil: os olhos nada veem e as mãos não têm nada para apalpar. Talvez o ouvido esteja numa situação melhor, pois tende a ouvir a palavra, ouvir a língua (VOLÓCHINOV, 2017. p. 144).

A grande metáfora que perpassa a obra de Bakhtin e de seu círculo, *eu e o outro*, deixa claro o papel fundamental do fenômeno da interação no processo de produção dos discursos. A linguagem, nessa concepção, constitui o homem e é por meio dela que o homem se define, participa das atividades nas diferentes esferas de atuação. A linguagem, para Bakhtin, não é um ato individual, mas sim social, o que deixa evidente o caráter interativo desse processo e seu

caráter dialógico, sendo, portanto, necessário se levar em consideração que, nessa perspectiva, o que move esse processo são os enunciados concretos produzidos/reproduzidos pelos sujeitos.

No tocante à concepção bakhtiniana de enunciado e de enunciação, estes não se encontram acabados e fechados, todavia, ao longo de suas obras, o sentido e as características peculiares dessas concepções vão sendo construídos, como afirma Brait (2008):

As noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos (BRAIT, 2008, p. 65).

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, na vida, os enunciados significam muito mais do que está expresso por meio de seu material linguístico. É importante salientar, nesse ponto, que, quando falamos de material linguístico, fazemos isso referenciando os elementos que constituem os fatores estritamente linguísticos.

Isso significa que esse enunciado implica muito mais do que aquilo que está *incluído* dentro dos fatores estritamente linguísticos, o que vale dizer, solicita um olhar para outros elementos que o constituem (BRAIT, 2008, p. 67).

Volóchinov (2017) afirma que as enunciações são singulares, ou seja, são irrepetíveis, embora possuam alguns elementos que são comuns a todas as enunciações e são, portanto, normativos, como podemos constatar a seguir:

Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços idênticos que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade (VOLÓCHINOV, 2017, p. 69).

É importante observar, ainda, que segundo Volóchinov (2017, p. 40), “o que faz da palavra uma palavra é sua significação”, o que transformará o material puramente linguístico em um signo.

Ainda há o fato de que, sendo esses traços normativos repetíveis nos diversos discursos, tornando-se no interior das enunciações signos, possuem, para tanto, um aspecto ideológico. Assim sendo, “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.”, como bem afirma Volóchinov (2017, p. 21).

Logo, há uma relação intrínseca entre os enunciados e todo o contexto de sua produção, além da diversidade imensurável de sentidos que os discursos podem suscitar no outro, pois, ao passo que o signo refrata, também reflete as diversas realidades, vivências, ideologias, estilos, posicionamentos. Quando esses enunciados ganham uma relativa estabilidade se configuram em gêneros discursivos, que, segundo o Círculo, organizam a interação no mundo da vida.

Bakhtin (2011) afirma, ainda, que os falantes de qualquer língua materna não criam a todo tempo os gêneros discursivos – se criassem, seria quase impossível a comunicação verbal, pois os gêneros do discurso respeitam um caráter normativo que foi se formando no decorrer do tempo por meio das constantes contribuições dos sujeitos.

Todas as áreas da atividade humana estão relacionadas à utilização da linguagem e, para Bakhtin, cada ato de linguagem é singular/único, pois históricos. A linguagem entra na vida e vice-versa e, para tanto, isso acontece por intermédio de práticas discursivas concretas e são dessas práticas que emergem os gêneros discursivos.

Sempre que nos comunicamos fazemos isso por meio dos gêneros discursivos, os quais são tão heterogêneos e diversos quanto as práticas sociais de linguagem e é por meio de enunciados orais ou escritos que o uso da linguagem acontece, sendo esses marcados pela concretude e singularidade do acontecimento.

Cada campo da atividade humana reflete/refrata as condições específicas e as finalidades, tanto no que tange à temática quanto no que se refere ao estilo de linguagem e, acima de tudo, no que se refere a sua construção composicional.

Assim, é possível perceber que os gêneros discursivos se diferenciam uns dos outros pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional peculiares.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Vale ressaltar, também, que os gêneros discursivos possuem um caráter social e histórico, haja vista que estão diretamente relacionados às situações sociais, logo, como as práticas sociais mudam ao longo dos tempos, os gêneros também se alteram acompanhando a dinâmica da sociedade. Os gêneros não são estáticos, imutáveis ou formas desprovidas de dinamicidade, eles mudam, se

alteram com a aplicação de novos procedimentos de organização e de acabamento do todo verbal e de uma modificação do lugar atribuído ao ouvinte.

Cada gênero discursivo pressupõe um lugar e um tempo legítimo para ser enunciado e recebido pelo leitor/ouvinte, portanto, o lugar onde o leitor/ouvinte tem acesso ao gênero é, muitas vezes, fundamental para que ele possa compreender sua estruturação e a forma de sua recepção.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKH-TIN, 2011, p. 262).

Sobre isso, afirma Rojo e Barbosa (2015) que “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso” que torna possível a comunicação e que é por meio do conhecimento dessa diversidade que nos entendemos. Os gêneros norteiam nosso dizer. Sobre o gênero discursivo lenda urbana, trataremos na próxima seção.

O GÊNERO DISCURSIVO LENDA URBANA

O gênero discursivo em questão pode ser chamado de lenda urbana ou, como é observado em parte da literatura, ser denominado de lenda contemporânea. Todavia, os próprios qualificadores “urbana” ou “contemporânea” por si sós trazem alguns problemas, haja vista que nem toda lenda tem como ambiente a cidade e nem são, em sua totalidade, histórias recentes.

A propósito, os termos “urbana” e “contemporânea” ambos apresentam problemas. O primeiro se tornou mais popular graças em parte às coletâneas de Brunvand (1981; 2002) publicadas desde a década de 1980. Alguns teóricos, no entanto, o rejeitam por acreditar que as histórias não se circunscrevem ao universo das cidades. Já o segundo termo, preferido por autores como Ellis (2001) e ratificado pela *International Society for Contemporary Legend Research*, criada no início dos anos 1990 (FINE, 1992), pode levar à falsa impressão de que se trata apenas de histórias recentes, quando muitas delas têm suas raízes em tradições antigas. Em defesa desse termo, porém, há a idéia de que qualquer história é percebida como contemporânea à época em que circula (ELLIS, 2001 apud LOPES, 2008, p. 376, nota 2).

Uma história contada se transforma em uma lenda urbana quando está presente na zona limítrofe entre a crença e a dúvida e trabalhar com esse gênero é se deparar com o inusitado, com histórias que dão margem à imaginação. Com a lenda urbana nos deparamos com enredos, envolvendo assombrações em

avenidas ou casas, correntes pedindo ajuda para salvar pessoas em estado terminal, roubos de órgãos por pessoas doentes à procura do aumento do tempo de vida, aparição de santos em janelas de prédios, mensagens diabólicas em letras de músicas ou em comerciais televisivos, entre tantas outras possibilidades de contato com o sobrenatural.

As lendas urbanas, sendo histórias contadas de geração a geração, fazem parte de nosso repertório sociocultural, fornecendo uma diversidade de tramas que amedronta e suscita o terror naqueles que as ouvem/leem. Elas se apresentam aos indivíduos de formas variadas, podendo ser veiculadas pela mídia televisiva (como, por exemplo, a série *Supernatural*, criada por Eric Kripke e produzida pela *Warner Bros. Television* em parceria com a *Wonderland Sound and Vision*), por sites da internet, por livros (sejam eles didáticos ou paradidáticos), pela mídia impressa e, sobretudo, oralmente, por pessoas de diferentes idades ou condição social. Essas pessoas, geralmente, dizem que ouviram de um amigo de um amigo, como podemos ver a seguir:

[...] Quando um conhecido nos conta, por exemplo, que alguém foi contaminado por uma agulha infectada com o vírus HIV ao sentar-se numa cadeira de cinema, ou ao enfiar o dedo no lugar de onde saem as moedas de troco em um telefone público, dificilmente saberemos quem é essa pessoa, seu nome, onde mora. Nosso conhecido nos dirá que aconteceu com “um amigo de um amigo”, ou que ouviu contarem isso numa festa, ou em conversa ao redor do bebedouro, no cafezinho (LOPES, 2008, p. 374).

As lendas urbanas podem ser veiculadas, ainda, por meio das redes sociais, como WhatsApp, Facebook e correios eletrônicos, por exemplo, fruto de uma rede de encaminhamentos que nem sabemos como se originou e cujos remetentes não conhecemos. As lendas urbanas são fruto da reelaboração de velhos enredos de cunho resultante da experiência social combinadas à ficção de forma bem variada, permitindo, assim, o surgimento de diversas mesclas de acontecimentos enunciativos dentro de uma mesma estrutura mais ou menos estável e de fácil reconhecimento.

As lendas são retomadas, contestadas e (re)contextualizadas no seio da prática discursiva em que esse texto se insere, haja vista que, a cada momento no qual uma lenda urbana é (re)contada, ela assume características diferentes e modos de contação os mais diversos, pois, no bojo da enunciação, os enunciados são únicos/singulares, são apenas um elo na cadeia de enunciados verbais que não podem ser interrompidos, como nos afirma Volóchinov (2017):

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo

monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184).

As lendas contadas na atualidade continuam dialogando com os sentimentos dos indivíduos, causando uma resposta avaliativa frente ao fato narrado ou à crença no acontecido, trazendo, assim, as discussões para o meio onde elas circulam, nos quais os sujeitos envolvidos remodelam, alteram e/ou acrescentam às lendas urbanas já existentes. Por vezes, essa alteração termina na criação de novas lendas que lembram as anteriores em diversos aspectos, como, por exemplo, acontecimento gerador, tipos de personagem, lugar do ocorrido, entre outras características.

[...] a lenda circula em uma comunidade, isto é, num contexto reconhecível a membros de uma comunidade. Portanto, quem a conta faz parte também dessa comunidade e compartilha com ela suas práticas discursivas e suas regras de funcionamento – regras essas mais ou menos conscientes, mais ou menos anônimas (LOPES, 2008, p. 377).

Além das características já mencionadas, esse gênero discursivo, por possuir características da sequência narrativa predominantemente, possui outros elementos constitutivos, como: argumento para a história, narrador que, por sua vez, é construído a fim de proporcionar a fruição do imaginário dos leitores de forma a transportá-los a lugares tenebrosos e medonhos, envolvendo-os de maneira bastante singular.

Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas (LEITE, 2000, p. 6).

Essa afirmação de Leite (2000) deixa bastante claro o fato de as lendas urbanas apresentarem, em sua essência, essa dualidade tão inerente a esse gênero (verdade-ficção). Ao passo em que se afirma sua veracidade, ancorando-a em testemunhos de sujeitos do mundo real, o narrador também lança mão de seus acréscimos e modificações comuns a quem narra.

METODOLOGIA

Este trabalho se orientou por uma perspectiva histórica, com fundamentação teórica advinda do Círculo de Bakhtin. A linguagem constitui visões de mundo e valores sobre todas as coisas que estão a nossa volta, portanto, as práticas sociais em que a linguagem se faz presente são manifestações situadas e históricas. Sendo importante ressaltar que quem fala o faz de um lugar social, em um contexto específico, assumindo posicionamentos ideológicos, atribuindo

sentidos e valorando seu dizer e o dizer do outro, levando em consideração os bens imateriais da comunidade que o cerca, que, em certa medida, tolhe e modela seu dizer.

Esta pesquisa é do tipo pesquisa-intervenção, haja vista que esse tipo de trabalho pressupõe não apenas o processo de descrição da realidade, mas também está preocupada em explicá-la, supondo, dessa maneira, um intervir na realidade dos envolvidos.

Lançamos mão, para tanto, de uma metodologia baseada no desenvolvimento de um protótipo didático, que, considerando as diversas realidades nas quais os professores de língua portuguesa estão inseridos, forneceria aos educadores uma proposta que fosse factível de alterações e adequações à diversidade contextual das escolas de nosso município, estado e país, sendo, portanto, possível de ser realizado com êxito em qualquer espaço educacional.

Rojó (2012) conceitua protótipos como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais”, logo, apresentamos um protótipo o qual foi realizado por meio de 08 oficinas.

O objetivo das oficinas será apresentado no decorrer da descrição de cada uma delas, todavia, nossas atividades se pautaram em três aspectos, a saber, aspectos textuais, discursivos e sociais. Cada uma das oficinas ocorreu no tempo de duas ou três aulas, em média, uma hora e vinte minutos e duas horas, respectivamente. Ademais, mesmo que o horário tenha sido bem relativo, vale salientar que cada oficina, após a primeira, retomava aspectos trabalhados nas anteriores.

OFICINAS

Relembrar é viver de novo [oficina 01]

Momento de apresentação, motivação e discussão sobre as histórias de terror e levantamento de contos, histórias de Trancoso, lendas do folclore regional, mitos folclóricos e lendas urbanas por meio de um jogo da memória que objetivava suscitar a imaginação dos estudantes, levando-os a oralizarem as histórias conhecidas por eles e as que faziam parte do jogo utilizado.

Antes de começarmos o jogo da memória, entregamos folhas de ofício em branco para que os estudantes escrevessem o que eles sabiam sobre lenda urbana, se conheciam algumas e quais eram. As respostas foram muito diversificadas, como podemos ver abaixo. Todavia, percebemos que o conhecimento

dos estudantes acerca do gênero era pequeno, apesar de, em maioria, mostrarem algum conhecimento sobre o assunto, o que deixou em evidência a necessidade de uma sistematização e de um trabalho mais enfático no que se refere ao gênero em questão.

Vale salientar que, principalmente por se tratar de uma clientela do turno noturno, durante as oficinas nem todos os estudantes estavam presentes, o que justifica a incompatibilidade numérica entre a quantidade de textos produzidos e a quantidade de frequência de estudantes na turma. Todavia, isso não se tornou um quesito relevante em nossa análise, haja vista que esse turno, historicamente, demonstra uma dinâmica muito grande no que se refere ao trânsito de estudantes que ingressam ou abandonam a sala de aula no decorrer do ano letivo.

Por meio da observação das respostas dos estudantes aos questionamentos feitos por nós no início da primeira oficina (O que é lenda urbana? Você conhece alguma? Qual?), podemos chegar à constatação de que os discentes apresentavam um pequeno, porém, relevante conhecimento sobre o gênero sobre o qual nos debruçaríamos durante as próximas aulas.

Nessa mesma oficina, propusemos, também, um jogo da memória adaptado, criado por nós e regido por algumas regras. Para tanto, escolhemos e levamos 10 imagens ilustrativas que estavam relacionadas a dez exemplares de lendas urbanas impressas e dispomos sobre o grande birô que havia na sala de aula, todas viradas para baixo e embaralhadas aleatoriamente. Em seguida, solicitamos aos estudantes que escolhessem, virassem e lessem em voz alta diante de toda a turma dois dos papéis dispostos e observassem se formavam um par coerente.

Com esse jogo, cada estudante pôde exercitar a memória e, de forma lúdica, conhecer ou relembrar as lendas que havíamos escolhido inicialmente, proporcionando, assim, um momento singular de fruição em sala de aula. Nessa oficina, o objetivo não seria fazer os estudantes sistematizarem a estrutura do gênero, mas levá-los à curiosidade e à posterior pesquisa de textos que versassem sobre a temática do terror/fantástico, fazendo-os desenvolverem um maior interesse pelas ações/oficinas.

Por isso, durante a oficina, levantamos alguns aspectos, como, por exemplo, o fato de o ritual de chamamento/invocação da Loira do Banheiro variar quando um ou outro estudante relata o que sabe sobre essa lenda. Incentivamos os estudantes, também, a relatarem como se dava a presença das lendas em suas infâncias, haja vista que elas assumem, nessa fase da vida, uma forma amedrontadora e coercitiva, fazendo, dessa forma, uma ponte entre a história de vida de cada estudante e a sala de aula. Durante essa oficina introdutória, muitos estudantes

perguntaram: “professor, essa história existe mesmo?”, “Onde realmente essa lenda surgiu?” “Será que realmente ela é verdadeira?”, “Professor, acho que a história real foi bem diferente da que contam, né?”, deixando evidente que estavam motivados, que tinham interesse no trabalho a ser desenvolvido em sala de aula.

Quem conta um conto? [oficina 02]

Objetivando fazer o estudante adentrar o mundo fantasmagórico, a segunda oficina se basearia na seleção de um indivíduo mais velho, que seria levado à escola, a fim de, oralmente, contar as lendas, os mitos e as histórias de Trancoso que lhe foram passadas pelas gerações anteriores.

Isso seria feito, pois, segundo Gancho (1999), o fato de ouvir histórias, sendo uma tradição que perpassa gerações, leva a maioria das pessoas a perceber os elementos fundamentais que compõem a narrativa.

Contar histórias é uma atividade praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, namorados, avós... Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-lêem toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romances, contos, novelas... Assim, a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir [...] (GANCHO, 1999, p. 5).

Essa oficina foi efetivada juntamente com a primeira, pois havia na turma estudantes de idade bem avançada, os quais, naturalmente, contaram as histórias que conheciam, envolvendo, assim, toda a turma.

Começará a sessão, peguem a pipoca [oficina 03]

Nessa sessão, utilizamos o episódio “Sobrenatural Bloody Mary” da série Sobrenatural. Esse episódio dialoga com uma lenda urbana bastante famosa nos Estados Unidos, que é a versão similar de uma de nossas mais conhecidas e assustadoras lendas que amedrontam os estudantes e alunas nas escolas de todo o país, a saber, a Lenda da Loira do Banheiro, porém os estudantes não demonstraram interesse em assistir esse filme e sugeriram alguns. Democraticamente, escolheram “A entidade II”, longa-metragem do gênero terror dirigido por Ciarán Foy, roteiro de Scott Derrickson e C. Robert Cargill e lançado pela Paris Filmes no ano de 2015.

Essa terceira oficina foi um momento de propiciar aos estudantes que percebessem como se materializa a caracterização dos ambientes lúgubres e funéreos nos quais ocorrem os fatos que dão pano de fundo para as lendas que conhecemos hoje. Tivemos uma sessão de cinema na escola.

O fato de os estudantes terem escolhido um outro filme diferente do que havíamos previamente selecionado, nos levou à utilização da internet e da Netflix Streaming e, conseqüentemente, para compensar o tempo destinado à votação para a escolha do novo filme, resolvemos assistir na televisão da escola.

Durante o filme, tecemos comentários nos quais nós direcionamos o olhar dos estudantes para determinada caracterização, seja ela de um personagem ou de um ambiente/cenário, objetivando fazê-los perceber a importância da descrição, da caracterização dos personagens e dos ambientes para o processo de construção da sensação de verdade desses enunciados/textos.

Tecemos comentários, ainda, acerca da presença de uma lógica interna ao enredo do filme, pois isso seria importante para o estabelecimento da verossimilhança, que, segundo Gancho (1999), corresponde à “lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor”, sendo, portanto, “a essência do texto de ficção”.

Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (conseqüência). A nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma conseqüência (GANCHO, 1999, p. 10).

Comentamos, também, a relação de causa e efeito que gera a credibilidade ao que está sendo lido e desencadeia a sensação do verossímil, pois, no enredo, cada fato ocasiona uma possível conseqüência e é nesse desencadear de causa e conseqüência que se consolida a ideia de se estar lendo ou ouvindo algo real.

Nessa oficina, preparamos previamente pipoca e suco para serem distribuídos no decorrer da sessão, e os estudantes se mostraram muito à vontade em assistir a um filme do gênero terror, esboçando alguns gritos e tecendo comentários no decorrer do longa-metragem.

Vale salientar que, devido ao tempo da aula ter sido de 2h e ao filme ter uma duração de 1h e 37min., não houve a possibilidade de se trabalhar de maneira aprofundada algum assunto voltado ao tema, em sala de aula, nesse dia, uma vez que os minutos excedentes ao tempo do filme foram utilizados para a montagem e desmontagem dos equipamentos necessários à sessão, para a recepção e organização dos estudantes na sala e para a votação do novo filme no início do horário.

Ler é viajar sem sair do lugar [oficina 04]

Essa oficina se direcionou para um trabalho onde o dialogismo se fez presente de forma bastante evidente em todas as etapas. O trabalho com textos

requeria uma compreensão de se colocar em um terreno onde a instabilidade está perenemente presente, como afirma Geraldi (2010):

Privilegiar o estudo do texto, em sala de aula ou em outro espaço, é aceitar o desafio do convívio com a instabilidade, com um horizonte de possibilidades de dizer que em cada texto se concretiza em uma forma a partir de um trabalho de estilo. E ainda mais: é saber que a escolha feita entre os recursos expressivos não afasta as outras possibilidades e que seguramente algumas delas serão manuseadas no processo de leitura (GERALDI, 2010, p. 140).

Essa oficina foi realizada com o objetivo de possibilitar aos estudantes o contato com exemplares prototípicos do gênero lenda urbana, suscitando, assim, um olhar comparativo desses discentes quanto ao que há de comum entre os textos lidos.

Assim, levamos também, além dos textos impressos, vídeos que dialogavam com algumas das lendas lidas pelos estudantes em sala, a fim de mostrar outras nuances de um mesmo gênero, o qual não se apresenta apenas na oralidade, mas se apresenta com diferentes configurações nas redes sociais e nos programas televisivos, mesmo que, para isso, assumam um viés cômico.

Esses vídeos foram escolhidos por nós, os quais foram: *It – a coisa*, *A Maldição de Chucky - Susto no ponto de ônibus*, *Menina Fantasma aterroriza em cemitério*, *Fantasma no Estacionamento*, *Taxista Lobisomem*, *A tatuagem*, *Flor do Cemitério*. Todos esses vídeos foram advindos da internet, os quais foram vistos pela turma ao final da leitura dos textos para que os estudantes visualizassem o gênero sendo alterado ao longo de sua constituição histórica e social.

Dialogando sobre a estrutura prototípica do gênero [oficina 05]

Essa oficina teve como objetivo sistematizar, juntamente com os estudantes, os elementos que compõem o gênero lenda urbana. Para tanto, apresentamos um total de 08 slides no programa Microsoft PowerPoint que expusessem as características do gênero em estudo. Vislumbramos, com isso, levar o estudante a discutir, comentar e conhecer as condições de produção e de circulação do gênero discursivo escolhido, haja vista que todos os enunciados são situados social e historicamente.

Como já falamos anteriormente, elaboramos um conjunto de oito slides contendo a conceituação, alguns exemplos e a exposição da estrutura prototípica do gênero lenda urbana. Esses elementos foram discutidos e os estudantes começaram o processo de identificação de cada um deles a partir da análise da lenda “A Viúva Machado”, a qual rendeu excelentes comentários por parte deles

e suscitou a curiosidade dos mesmos em pesquisar acerca da vida da personagem principal da trama, haja vista ela ser uma antiga moradora da cidade do Natal. A “Viúva Machado” é uma lenda urbana que se construiu em torno de uma mulher poderosa e dona de terras em um município próximo à capital do estado. Conta-se que a Viúva Machado tinha uma doença que a levava a comer fígado de criança. Aterrorizavam-se as crianças, fazendo com que acreditassem que um carro preto as sequestrava e as levavam para serem mortas pela viúva que precisava se alimentar de seus fígados para sobreviver.

Escrever é desvendar o oceano dos discursos [oficina 06]

Durante a oficina de escrita, levamos para os estudantes um exemplar da lenda urbana “Ladrão de Órgãos” e o seguinte enunciado que deveria orientar a escrita de seus textos:

Vivemos em uma sociedade em que as histórias de terror estão bem presentes em nosso dia a dia, sejam na forma de vídeo, nas correntes de mensagens nas redes sociais ou mesmo na boca de nossos parentes de idades mais avançadas, pois fazem parte de nossa herança cultural. Sabendo disso, e que as lendas urbanas são textos de pequena extensão, de fácil entendimento, possuindo, portanto, poucos personagens, seus narradores buscando autenticidade por meio de fatos, locais reais, personagens conhecidos e provas, dizendo terem ouvido a história por meio de algum conhecido, seja ele um primo distante ou um amigo de um amigo, utilizando uma linguagem mais informal, elabore uma lenda urbana de sua total autoria que tenha como base um acontecimento real ou fictício e aquilo que você conhece sobre elas. Imagine que essa lenda será, após escrita, digitada e publicada em um blog que divulga histórias de terror.

Sua lenda urbana deve:

- conter um narrador onisciente;
- possuir, no mínimo, dois personagens;
- ter um título criativo.

Esse momento de escrita, sendo, portanto, uma situação, requereu dos estudantes um tempo maior que aquele determinado para a oficina, a qual teve a duração de duas aulas (1h e 20min.), sendo, por isso, um tempo insuficiente para que os estudantes conseguissem elaborar completamente a lenda urbana. Assim, eles levaram seus textos inacabados para serem finalizados em casa.

A partir da aula seguinte, os estudantes começaram a entregar a escrita da primeira versão do texto, a qual se mostrou carente de algumas adequações no que se referia à organização textual, à norma da língua.

Reescrever é preciso [oficina 07]

Posterior à escrita da primeira versão do texto, sentamos com cada estudante para reler o texto produzido a fim de fazê-lo perceber as possíveis inadequações presentes e o que figurava como positivo, parando em alguns momentos para fazer alguns comentários acerca da organização do texto.

[...] a releitura é um procedimento recorrente, ela é o tecido de fundo sobre o qual toda a ação de aperfeiçoamento do texto se realiza. É o primeiro gesto em direção à responsividade, no sentido que Bakhtin dá a esse termo (GARCEZ, 1998, p. 112).

Garcez (1998), ao falar do processo de releitura, afirma que é nele que as ações de aprimoramento acontecem e que a categoria responsividade proposta por Bakhtin tem sua efetivação justamente quando o sujeito retorna ao texto para revisá-lo, pois o indivíduo vai observar o texto de forma ativa e cooperativa com a finalidade de atribuir-lhe sentido. Após esse momento de releitura em que o professor se configurou como o comentador e, ao mesmo tempo, leitor do texto, solicitamos a reescrita da lenda urbana produzida pelos estudantes, visto que eles já tinham noção de como promover as adequações possíveis em seus textos e já podiam visualizar a escrita como uma atividade contínua. Dessa forma, procuramos mostrar a reescrita como um ato importante, pois propõe a revisão textual, ou seja, um conjunto de procedimentos por meio dos quais um texto é trabalhado até o ponto em que se decide que está, para o momento, suficientemente adequado ao seu propósito comunicativo, à situação, ao gênero discursivo.

É importante salientar que, durante a orientação à reescrita, há uma reversibilidade de papéis entre os sujeitos envolvidos no processo, a saber o leitor e o produtor do texto. Nesse momento, o produtor do texto tem a chance de se colocar com certo distanciamento de seu produto, assumindo a posição de leitor e comentarista de sua própria produção, culminando em um amadurecimento da compreensão do processo que envolve os enunciados.

Há aqui um evento dialógico em que os participantes mais imediatos atuam, de maneira colaborativa, na tentativa de analisar e comentar as possibilidades de aperfeiçoamento de textos.

Durante o comentário, há diversas releituras de um mesmo fragmento, tanto pelo comentarista como pelo próprio redator. A releitura proposta por um dos participantes

motiva a releitura do outro. Fragmentos em pauta são relidos mais de uma vez, com a finalidade de conferir a interpretação, identificar problemas detectados, mas não especificados à primeira leitura, confirmar problemas e testar as sugestões e as transformações do texto (GARCEZ, 1998, p. 112).

Logo, no processo de releitura, há um esforço considerável tanto por parte do eu-redator quanto do outro-comentarista na tentativa de uma compreensão responsiva ativa do texto. Para isso, eles se alternam em suas perspectivas de leitura. Em um momento o eu-autor torna-se o leitor do seu próprio texto, colocando-se a ler e se tornando, assim, interlocutor de seu próprio discurso, em contrapartida, o outro-comentarista tenta se colocar na perspectiva de produtor do texto a fim de compreender as intenções e propósitos do real produtor dele.

Isso foi o que aconteceu durante o processo de orientação para a reescrita com o professor e os estudantes envolvidos no projeto, ao passo em que, de forma colaborativa, se tentou sanar os problemas encontrados nos textos dos estudantes e aperfeiçoá-los.

Vale salientar aqui que, mesmo ocorrendo a orientação para a reescrita dos textos, nem todos os estudantes participaram dessa oficina e, mesmo os textos daqueles que estavam presentes, após sua entrega ao professor, se mostraram carentes de mais reelaborações, pois nem todos os problemas foram resolvidos em um único momento de orientação.

O que é bonito é para se mostrar [oficina 08]

Essa última oficina seria a culminância do projeto com o gênero lenda urbana na escola. Para tanto, organizamos, em um dia específico, uma exposição dos textos elaborados pelos estudantes, a qual aconteceria no próprio ambiente de sala de aula, porém esta seria ornamentada para esse fim.

A sala foi decorada com a utilização de diversos materiais, tais como tecido de TNT (preto, branco e vermelho), velas, candelabros. A iluminação foi adaptada para que suscitasse o clima de tensão causado pelo suspense e terror presentes nas lendas urbanas.

Além disso, pensamos no acabamento estético dos textos dos estudantes, os quais poderiam ser digitados, impressos e emoldurados com a utilização de jornais ou mesmo folhas de ofício, caso houvesse a impossibilidade de se conseguir os periódicos. Para esse emolduramento, vislumbramos, ainda, a criação de ilustrações por parte dos próprios estudantes, que seriam afixadas atrás das produções.

Dispomos os textos pendurados no teto da sala, amarrados a barbantes aparentemente envelhecidos e sujos. Esse efeito seria possível com a utilização de tintas e cola. Somado a isso, selecionamos uma música instrumental que pudesse figurar como pano de fundo para a leitura dos textos, que seria acompanhada com imagens assustadoras projetadas por intermédio do aparelho de Datashow.

Quanto ao chão da sala, este foi preenchido com folhagens, haja vista a escola possuir muitas árvores em seu entorno que poderiam fornecer as folhas necessárias à decoração do ambiente. Para a decoração dessa parte da sala, usamos, ainda, de alguns elementos que remetessem às lendas urbanas, tais como: elementos de um banheiro, partes de fantasias de palhaços, animais e insetos de borracha (ratos, baratas, escorpiões e aranhas), além de membros artificiais do corpo humano dispostos de maneira aleatória na sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que desenvolvemos por meio de oficinas, que compuseram um protótipo didático, envolveram a leitura/releitura, a escrita/reescrita como dimensões norteadoras de nossas ações em sala de aula.

Somado a isso, cumprindo os objetivos elencados no início da pesquisa, conseguimos alcançar êxito no que concerne à organização de um protótipo didático munido de oficinas de cunho teórico-metodológico que aproximassem os estudantes de sua realidade por intermédio de um gênero conhecido e presente no seu cotidiano. Ademais, esse trabalho torna-se importante também, pois é por intermédio do processo de interação que os sujeitos participam ativamente na elaboração e reelaboração de seus textos e dos textos do outro e se conscientizam de que os processos de escrita e de leitura demandam muitos acionamentos de saberes. E, por meio de nossa pesquisa-ação, pudemos constatar que os estudantes se interessam e participam mais das aulas de língua portuguesa quando se deparam com novas abordagens e diferentes formas de trabalhar conteúdos que soam a eles como difíceis e enfadonhos.

Alcançamos o objetivo também de elaborar um volume contendo as produções escritas dos estudantes como resultado dessa proposta didática. A elaboração de onze lendas urbanas que foram reunidas e ilustradas em um livro.

Finalmente, deixamos, ao término das oficinas, bem claro para os estudantes que o texto sempre ocupa um lugar de incompletude e inacabamento que são próprios da historicidade da linguagem. Também consideramos que este capítulo

deixa lacunas para o leitor e se mostra, portanto, suscetível de alterações e de complementações, pois esse trabalho apresenta uma abordagem do gênero lenda urbana, envolvendo uma turma de 7º ano noturno de rede pública e que não traz a primeira nem a última palavra sobre o gênero em foco, tampouco para as demandas da sala de aula de língua portuguesa. Que o trabalho apresentado reverbere em outros lugares e em outros sujeitos.

